

Paper do NAEA

Volume 1, Número 3, Edição/Série 486

A valorização da paisagem lacustre pelo turismo: um estudo comparativo entre a laguna dos patos, no Brasil, e o lago de Aiguebelette, na França

Laura Rudzewicz¹

Antonio Carlos Castrogiovanni²

Véronique Peyrache-Gadeau³



RESUMO

O artigo aborda a relação entre os temas paisagem, patrimônio e água, para refletir a renovação do interesse social pelas práticas turístico-recreativas nos espaços lacustres. Com base na abordagem geográfica do Turismo, parte-se das práticas espaciais dos indivíduos nos locais turísticos, e de uma noção integradora da paisagem, para interrogar: qual é o papel que as paisagens lacustres ocupam nos processos de ativação turística? O objetivo é refletir sobre a valorização do patrimônio paisagístico lacustre pelo turismo nas sociedades contemporâneas, e identificar os desafios atuais à gestão pública. É realizado um estudo comparativo, de base empírica, entre dois corpos lacustres: a Laguna dos Patos, no Brasil e o Lago de Aiguebelette, na França. A pesquisa tem abordagem qualitativa, de caráter exploratório-descritivo, com dados coletados durante o período 2016-2017, através da observação em campo, entrevistas e pesquisa em materiais turísticos e sites oficiais. Os resultados permitem tecer aproximações e divergências nos processos de valorização do patrimônio paisagístico lacustre pelas sociedades e sua representação pelo turismo nos contextos estudados. A emergência de conflitos, reivindicações e problemáticas acerca da função turístico-recreativa das paisagens lacustres permite repensar as relações entre natureza e cultura, cidadãos e paisagens de água na contemporaneidade.

Palavras-chave: Turismo. Paisagem. Lago. Laguna. Gestão Pública.

1 Professora Adjunta da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), atua na Faculdade de Administração e de Turismo e como colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Geografia. Doutora em Geografia (UFRGS), Mestre em Turismo (UCS). Realizou doutorado sanduíche em 2017 junto ao Laboratório EDYTEM, Universidade Savoie Mont Blanc, na França. E-mail: laurarud@ufpel.edu.br.

2 Professor Associado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Adjunto da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Atua como professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS. Doutor em Comunicação Social (PUCRS), Mestre e Especialista em Educação (UFRGS). E-mail: castroge@ig.com.br.

3 Mestre de Conferência-HDR na Universidade Savoie Mont Blanc, Laboratório EDYTEM (Environnement et Dynamiques des Territoires de Montagne - CNRS UMR5204). Doutora em Economia Territorial, Mestre em Gestão e Economia Regional, Economista. E-mail: veronique.peyrache-gadeau@univ-smb.fr.

ABSTRACT

The article approaches the relationship between landscape, heritage and water, to reflect the renewal of social interest in tourist-recreational practices in lake spaces. Based on the geographical approach of Tourism, it starts from the spatial practices of individuals in tourist sites, and from an integrative notion of the landscape, to question: what is the role of the lake landscapes in the processes of tourist activation? The objective is to reflect on the lake landscape heritage valorization by tourism, and to identify the current challenges to public management. A comparative empirical study is conducted between two lake landscapes: the Patos Lagoon in Brazil and the Aiguebelette Lake in France. The research has a qualitative approach, of exploratory-descriptive character, with data collected during the period 2016-2017, through field observation, interviews and the research in tourist materials and official websites. The results allow us to describe approximations and divergences in the processes of lake landscape heritage valorization by societies and their representation by tourism in the cases studied. The emergence of conflicts, claims and problems about the tourist-recreational function of the lake landscapes allows rethinking the relations between nature and culture, citizens and water landscapes in contemporary times.

Keywords: Tourism. Landscape. Lake. Lagoon. Public Management.

ÁGUA E PATRIMÔNIO PAISAGÍSTICO E SUAS RELAÇÕES COM O TURISMO

O artigo aborda a relação entre os temas paisagem, patrimônio e água, a partir da abordagem geográfica do Turismo, compreendendo-o enquanto prática socioespacial que articula natureza e cultura.

A água representa um elemento central e articulador das paisagens ocidentais, possibilitando ler, interpretar e explicar a ocupação dos territórios e a modelagem paisagística pelas sociedades, portanto, torna-se um tema de estudo transversal e multidimensional, estreitamente relacionado com a paisagem e o patrimônio (NOGUÉ; PUIGBERT; BRETCHA, 2016). A dialética concreta e simbólica da água, em forma de representações socialmente construídas e compartilhadas entre os grupos humanos, pode auxiliar na interpretação de práticas sociais como o turismo. As origens do fenômeno turístico remetem às novas relações das sociedades ocidentais com a água e nos cuidados com o corpo (SACAREAU; STOCK, 2003), nas estações termais e nos litorais marítimos, lacustres (VERNEX, 1996) e fluviais (GRAVARI-BARBAS; JACQUOT, 2016). Portanto, a água é fator motivador para os deslocamentos humanos com finalidades de turismo, lazer, saúde, esportes e cultura. Esses encontros dos indivíduos com as diferentes manifestações da água elucidam o alcance da esfera recreativa na contemporaneidade, mobilizando diferentes dimensões da paisagem (física, estética, simbólica, cultural, ecológica etc.), e, com isso, trazem novas problemáticas a serem investigadas pelas ciências sociais e humanas.

A partir de uma noção integrada da paisagem inspirada em Berque (2009), passa-se a compreendê-la por sua ambivalência enquanto existência física (porção da superfície terrestre) e humana (representação), constituída simultaneamente de substâncias materiais e imateriais, visíveis e invisíveis. A paisagem é entendida como “[...] a fisionomia de um território com todos os seus elementos naturais e antrópicos, bem como os sentimentos e emoções que são despertados ao contemplá-los [...] um produto social, a projeção cultural de uma sociedade em um espaço determinado a partir de uma dimensão material, espiritual e simbólica” (NOGUÉ; SALA; GRAU, 2016, p. 15, tradução nossa).

Paisagem e patrimônio são temas convergentes e emergentes, principalmente, após a década de 1990 com o reconhecimento da categoria da paisagem cultural pela UNESCO, chancelada no Brasil pelo IPHAN, em 2009. Esse movimento é entendido como uma renovação das perspectivas patrimoniais, reconhecendo-se não somente “[...] as interações significativas entre o homem e o meio ambiente natural, mas também combina de forma inextricável os aspectos materiais e imateriais do patrimônio, muitas vezes pensados separadamente.” (CASTRIOTA, 2010, p. 17). Surge a problemática da valoração do patrimônio paisagístico no sentido de expandir sua interpretação, muitas vezes reduzida ao caráter visual e estético, para formas mais complexas de apreender a multidimensionalidade da paisagem, integrando questões funcionais, simbólicas, culturais, históricas, arquitetônicas (SCAZZOSI, 2006). A convergência desses temas remete a um sentido mais amplo de paisagem como patrimônio “[...] compreendida como objeto de conservação cujo foco de proteção é sua significância e seus conjuntos de valores, materiais e imateriais, que lhe são atribuídos e reconhecidos intersubjetivamente pelos grupos humanos que com ela interagem” (BEZERRA; MELO, 2014, p. 105).

Nesse contexto, as questões ecológicas e patrimoniais das paisagens de água⁴ tornam-se centrais, a exemplo dos processos de reconquista dos espaços fluviais urbanos para fins

4 Entende-se paisagens de água como aquelas onde a água, em suas distintas manifestações, desempenha um papel determinante na origem e na configuração do território e sua representação pelas sociedades (RUDZEWICZ, 2018).

turístico-recreativos, como citado por Gravari-Barbas e Jacquot (2016). Mas neste artigo propõe-se observar os processos de renovação do interesse social pelas paisagens de lagos e lagoas, questionando: qual é o papel que as paisagens lacustres ocupam nos processos de ativação turística? O objetivo é refletir sobre a valorização do patrimônio paisagístico lacustre pelo turismo, e identificar os desafios atuais à gestão pública. A partir da abordagem geográfica do Turismo (SACAREAU; STOCK, 2003), atenta-se para as práticas espaciais dos indivíduos nos locais turísticos em uma lagoa no Brasil e um lago na França.

REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS TURÍSTICO-RECREATIVAS DAS PAISAGENS LACUSTRES

No campo científico, mais recentemente, os espaços lacustres são objeto de investigação não apenas pelas suas propriedades físicas, biológicas, ecológicas, mas sob o ponto de vista sociocultural. Estudos sobre os lagos nos Alpes do Norte francês enfocam as formas de apropriação e uso das margens como espaços públicos, a construção do imaginário lacustre pelas sociedades e pelo turismo (NIKOLLI, 2018; VERNEX, 1996; VERNEX, MARTIN, 2009; JOBERT, 2017). Nesse contexto geográfico, a construção da atratividade lacustre é geralmente atribuída à valorização estética das paisagens durante o Romantismo, a partir da representação dos lagos por pintores e escritores no século XIX, depois veiculados pelos guias turísticos. A notoriedade turística dos departamentos de *Savoie* e *Haute-Savoie*, na França, é historicamente ligada às estações termais e à descoberta das montanhas, onde também figuram os lagos, com uma sazonalidade centrada no verão, precedendo o desenvolvimento das grandes estações de esqui, que ocorre sobretudo nos anos 1960-1970 (LASLAZ, GAUCHON, PASQUET, 2015). Os lagos compõem sua imagem turística desde o início do século XX, associados à imagem majoritária das montanhas (VERNEX, MARTIN, 2009; JOBERT, 2017).

A representação do imaginário lacustre nos cartazes turísticos do Lago *Annecy*, na França, é objeto de análise de Vernex e Martin (2009). Para esses, o “olhar sobre os lagos” passa por valores sociais e simbólicos relacionados aos modelos e normas estéticas construídas ao longo da história, influenciando nas formas de apropriação dos espaços. O primeiro imaginário descrito é de um “lago contemplativo”, promovido nos anos 1930; depois, um “lago ativo”, a partir da difusão das práticas esportivas nos anos 1960, também associadas à representação de um “lago puro”, testemunhando os esforços pela melhoria da qualidade das águas. No início dos anos 2000, há um retorno do imaginário contemplativo, porém, mais recentemente, associado a um “lago natural” (VERNEX; MARTIN, 2009), onde a noção de lazer ativo interage com seus aspectos patrimoniais e ecológicos. Para Jobert (2017), a imagem turística dos lagos de *Savoie* enquanto um “lago-verão” e das práticas na água perpetuou nas diferentes gerações do “turismo lacustre”, mas no século XXI, há um imaginário em transição para um “lago-multisazonal”, orientado as práticas turístico-recreativas para todas as estações do ano.

Gravari-Barbas e Jacquot (2016) discorrem sobre a finalidade turístico-recreativa nos processos de reconquista dos espaços fluviais nas metrópoles europeias, alertando para os novos desafios patrimoniais e políticos à gestão urbana. Para esses autores, a renovação dos valores e significados dos cursos de água na contemporaneidade solicitam um reinvestimento patrimonial no que se refere aos imaginários e memórias, as identidades locais ligadas às

práticas e formas de ocupação, do passado e do presente, mobilizando uma rede de atores pela renovação dos lazeres urbanos.

No contexto sul-riograndense, Ustárroz e Müller (2016) apontam que as origens das práticas turístico-recreativas na Praia do Laranjal, em Pelotas, às margens da Laguna dos Patos, teriam ocorrido já em 1851, quando ainda era uma estância de propriedade privada. Com a inauguração do balneário, em 1952, inicia-se a crescente urbanização e transformação da orla, justificadas para os fins de lazer e turismo (RUAS, 2012). Entretanto, são ainda pouco investigadas as representações e práticas do turismo e do lazer nas águas interiores da Planície Costeira do Rio Grande do Sul (PCRS). Ueda e Vigo (1997) indicaram potencialidades patrimoniais e turísticas relacionadas aos corpos hídricos em Pelotas.

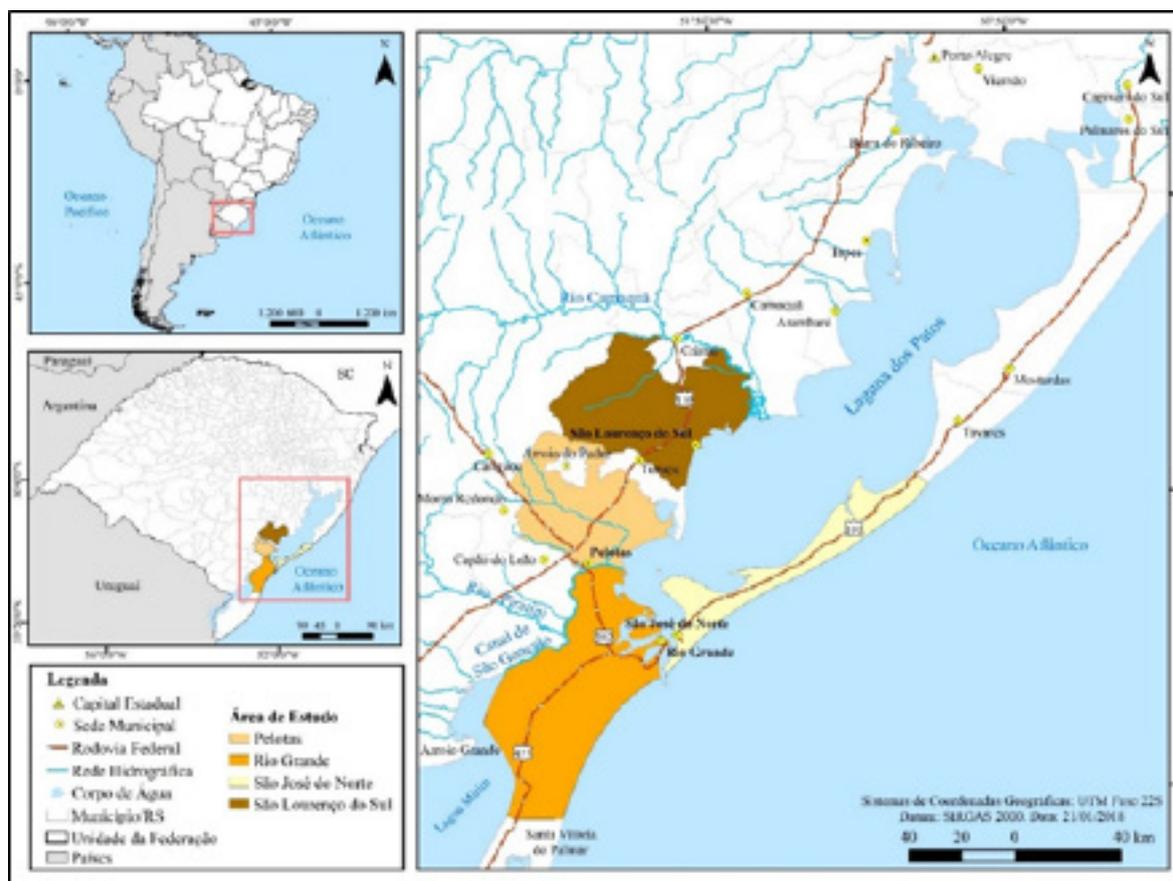
A partir desses referenciais, depreende-se a existência de um movimento contemporâneo que vai ao encontro de uma renovação do interesse social sobre as paisagens de água. Isso se faz presente em distintas escalas geográficas, entretanto, assume contornos específicos em cada contexto sociocultural e político-administrativo. Emergem novas reivindicações, conflitos de uso e movimentos coletivos, convergentes ou divergentes às iniciativas públicas e/ou privadas, que passam a questionar a tomada de decisão e ação sobre as paisagens de água. A agenda desses movimentos envolve a busca por alternativas, a concertação entre os atores, a participação na definição dos novos significados e valores patrimoniais, a democratização do acesso, dos usos e das formas de apropriação do espaço e a garantia da qualidade de vida para as populações. Gravari-Barbas e Jacquot (2016) citam o interesse social pela requalificação das águas em rios urbanos enquanto fator condicionante à renovação de certas práticas recreativas (ex: banho); e, por outro lado, o desafio de compatibilizar esses usos com a proteção ambiental, pois hoje são percebidos como corredores ecológicos. Nesse sentido, as práticas e os locais de ativação turístico-recreativa são repensados a partir das relações contemporâneas entre natureza e cultura, trabalho e lazer/turismo, cidadãos e paisagens de água.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ÁREAS DE ESTUDO

A pesquisa teve abordagem qualitativa, de perspectiva indutiva, ao dialogar com a realidade local e temporalmente situada, caracterizando a pesquisa como exploratório-descritiva.

O primeiro contexto empírico dá-se na Laguna dos Patos (Figura 1), no Rio Grande do Sul, Brasil, sob o recorte espacial de quatro municípios (São Lourenço do Sul, Pelotas, Rio Grande e São José do Norte), situados ao sul desse corpo hídrico, localizados na região turística Costa Doce. Este corpo de água foi escolhido por ser uma das feições geomorfológicas mais marcantes da Planície Costeira do Rio Grande do Sul (PCRS), e pelas suas conexões históricas, culturais e econômicas com as populações. Considerado o sistema lagunar mais extenso da América do Sul, tem aproximadamente 10.000 km² de superfície, 240 km de comprimento e 40 km de largura máxima, com profundidade média de 6m, recebendo águas de uma área de drenagem de 170.000 km² (TOLDO JÚNIOR et. al., 2006).

Figura 1 – Mapa da área de estudo da Laguna dos Patos e municípios de São Lourenço do Sul, Pelotas, Rio Grande e São José do Norte, 2018

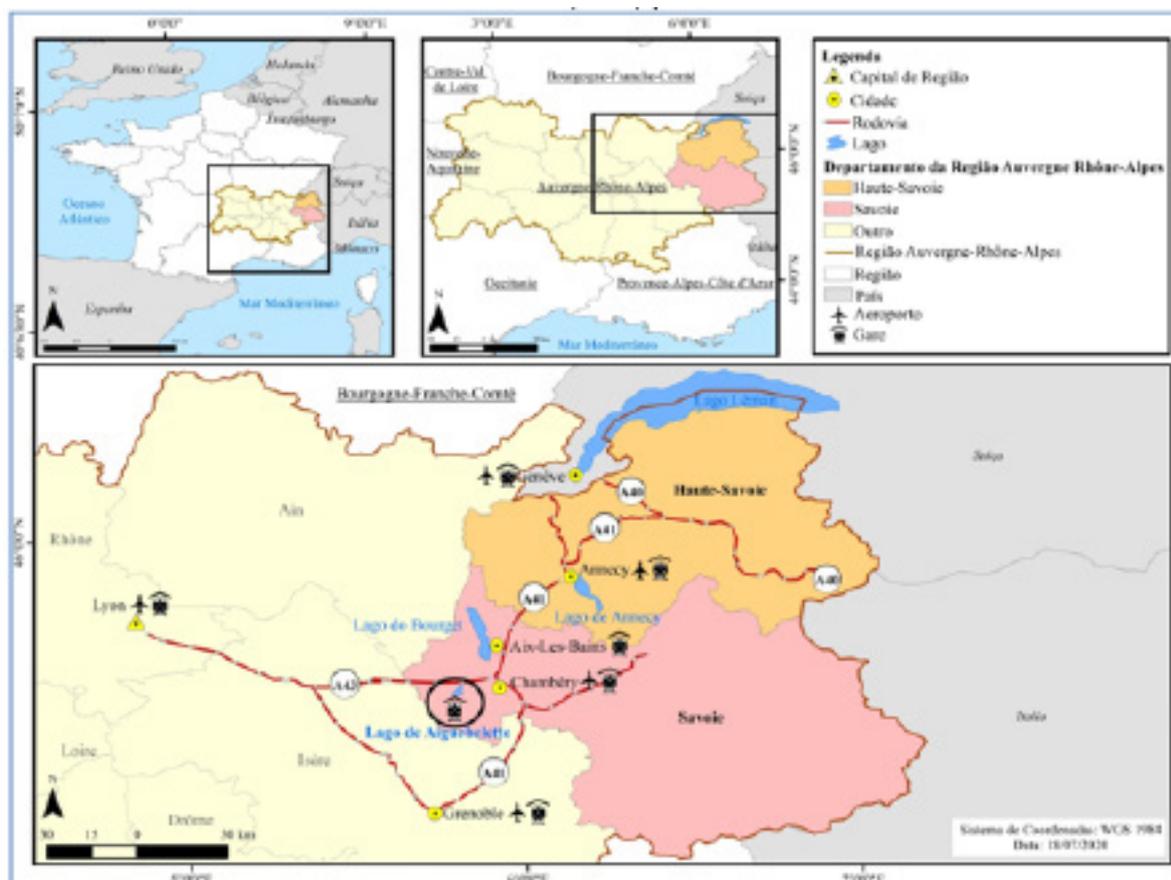


Fonte: RUDZEWICZ (2018). Produção cartográfica: CANEPPELE (2018).

Os quatro municípios apresentam cerca de 625 mil habitantes, correspondendo a 61,5% da população total entre os 14 municípios que se situam às margens da Laguna dos Patos, e somam uma área de aproximadamente 7.400 km² (IBGE, 2018). Eles estão situados na Região Hidrográfica do Litoral do Rio Grande do Sul, perfazendo três bacias hidrográficas distintas (SEMA, 2018a): Litoral Médio (São José do Norte), Rio Camaquã (São Lourenço do Sul e Pelotas) e Mirim-São Gonçalo (Pelotas e Rio Grande); sendo que essa última engloba também as Lagoas Mirim e Mangueira, o Banhado do Taim e outras áreas úmidas, integrando esse imenso complexo lagunar.

Na França, o estudo empírico ocorreu no território turístico denominado *Pays du Lac d'Aiguebelette*, no Departamento de *Savoie*, na região *Auvergne-Rhône-Alpes*. Está situado na região turística *Savoie Mont Blanc*, a qual integra os departamentos de *Savoie* e *Haute-Savoie*, onde se encontram os maiores lagos naturais franceses: *Léman* (dividido com a Suíça), *Bourget*, *Anney* e *Aiguebelette* (Figura 2). Esse último foi escolhido por ser o menor entre os quatro lagos e pela facilidade de acesso a partir de *Chambéry*, possibilitando o desenvolvimento da pesquisa.

Figura 2 – Mapa da área de estudo do Lago de Aiguebelette e outros três grandes lagos da região turística Savoie Mont Blanc, França, 2020



Fonte: elaboração dos autores (2020). Produção cartográfica: CANEPPELE (2020).

O lago de Aiguebelette tem origem glacial e apresenta superfície de 5,4 km², 4,2 km de comprimento e 2,8 km de largura máxima, com profundidade máxima de 71m e média de 30m, à uma altitude de 375 m (MONTUELLE; CLÉMENS, 2015). Com 17 km de margens e duas ilhas, o lago alcançou 482.500 pernites/ano (dados referentes a 2017), principalmente em campings (66%) e segundas residências (19%), de uma oferta total de 7.868 leitos (CCLA, 2019). A gestão do lago é realizada pela CCLA⁵ (*Communauté de Communes du Lac d'Aiguebelette*), que compõe dez municipalidades (*communes*), totalizando cerca de 86 km² e uma população de aproximadamente 5.700 habitantes, situadas entre os grandes centros urbanos de Chambéry e Lyon, nas proximidades do Parque Natural Regional de Chartreuse (CCLA, 2017).

As metodologias do estudo referem-se a coleta de dados primários, através da observação em campo e entrevistas, e a pesquisa em materiais turísticos (folders e campanhas promocionais) e sites oficiais. A observação em campo voltou-se para as práticas e os locais ativados para a função turístico-recreativa das paisagens lacustres nas áreas de estudo, sendo complementada pela pesquisa aos materiais turísticos, agregando a perspectiva da representação das paisagens lacustres pelo turismo. A entrevista do tipo episódica (FLICK, 2009), foi conduzida de forma semipadronizada, por meio de uma guia de entrevista, realizando-se o registro sonoro para posterior transcrição literal do conteúdo. O objetivo foi incentivar a narrativa de experiências significativas e dos conhecimentos cotidianos associados às paisagens lacustres, considerando-se dois grupos de entrevistados: 1)

representantes do setor público, privado, terceiro setor e pesquisadores, considerados sujeitos-chave, selecionados com base em uma amostragem teórica; e 2) usuários - turistas e residentes, sob uma amostragem intencional por conveniência. Foram analisadas 40 entrevistas no caso brasileiro, e 18 no caso francês, a partir da codificação temática (FLICK, 2009), com o uso dos softwares NVIVO 11 Pro e Sonal versão 2.0.77.

Este artigo retoma alguns dos resultados empíricos da pesquisa de doutorado sobre a Laguna dos Patos, no Brasil, que foram coletados entre os anos 2016-2017 (RUDZEWICZ, 2018); e da pesquisa de doutorado sanduíche, sobre o Lago de Aiguebelette, na França, em 2017 (RUDZEWICZ, BAULAZ, PEYRACHE-GADEAU, 2020). A partir de uma amostragem do material dessas pesquisas, buscou-se tecer aproximações e divergências quanto as problemáticas e desdobramentos, observados em campo e/ou narrados pelos entrevistados, expondo reivindicações e conflitos acerca da função turístico-recreativa da paisagem lacustre, considerando-se as especificidades dos contextos estudados. A confrontação desses resultados com a análise de materiais turísticos, permitiu complementações quanto as formas de reconhecimento e valorização do patrimônio paisagístico lacustre.

REIVINDICAÇÕES E CONFLITOS ACERCA DA FUNÇÃO TURÍSTICO-RECREATIVA DA PAISAGEM LACUSTRE

Desde a década de 1930, o Lago de Aiguebelette foi incluído em diversos dispositivos legais de proteção ambiental, e, mais recentemente, em 2015, foi classificado como Reserva Natural Regional (RNR). Na década de 1970, com a abertura da rodovia (A43) que ligou dois grandes centros urbanos (Lyon e Chambéry), houve um incremento da especulação para a instalação de projetos urbanísticos e turísticos, como a construção de marinas, hotéis e loteamentos nas bordas do lago. Isso gerou uma forte mobilização social em oposição a esses projetos e em defesa da preservação do sítio natural, o que resultou na criação de um órgão responsável pela política territorial e gestão do lago, hoje representado pela CCLA. A partir disso, foram implementadas ferramentas e medidas como restrições à aquisição de terrenos, às construções no entorno do lago e ao uso de embarcações motorizadas, criação de áreas naturais protegidas e instalação de um sistema de saneamento (MONTUELLE; CLÉMENS, 2015).

Esses desdobramentos e dispositivos de proteção fazem com que Aiguebelette seja hoje referenciada pela qualidade das águas e dos ambientes naturais, contendo grande parte da orla destinada à preservação de áreas úmidas e sua diversidade biológica. Isso aponta para a prioridade dada às estratégias de proteção dos ecossistemas e das paisagens que é percebida como um diferencial desse lago, oportunizando, por exemplo, a captação de suas águas para o abastecimento das comunidades.

Atualmente, as políticas públicas direcionam-se para a gestão sustentável do lago, com vistas ao compartilhamento dos usos das águas e do entorno para as finalidades de geração de energia hidrelétrica, abastecimento de água potável, pesca, agricultura, esportes náuticos, turismo e lazer. Surgem conflitos entre as diversas práticas sociais que atuam nessas paisagens, o que pode ser identificado pela existência de regramentos dos usos do lago, que se tornam cada vez mais estritos. Entre eles, um regulamento, acordado entre governos e usuários, estipula, desde 1998, a variação do nível das águas ao longo do ano, com o objetivo de equilibrar os diversos usos. O verão é apontado como a estação mais crítica na conjunção

das finalidades de geração de energia, das práticas do remo, da pesca, do turismo e do lazer, assim como para a proteção das áreas úmidas.

Enquanto o caso francês refere-se a um lago de origem glacial, no contexto brasileiro de estudo, o conjunto paisagístico representa um dos maiores sistemas de lagoas litorâneas do mundo. Seu reconhecimento ocorre sob a forma de duas importantes áreas naturais protegidas, incluídas na Rede de Reservas da Biosfera da Unesco e nos sítios Ramsar (áreas úmidas de relevância mundial): a Estação Ecológica do Taim e o Parque Nacional da Lagoa do Peixe, ambos criados em 1986 (ICMbio, 2018). Nesse recorte espacial, outras paisagens também estão inseridas em unidades de conservação como: o Parque Estadual do Camaquã; a Reserva Particular do Patrimônio Natural Pontal da Barra; a Reserva Biológica Estadual Banhado do Maçarico; a Área de Proteção Ambiental Municipal da Lagoa Verde; e o Refúgio de Vida Silvestre Municipal do Molhe Leste (SEMA, 2018b). Esses ecossistemas são considerados únicos no mundo, de alta importância para a conservação da biodiversidade, todavia, são pouco conhecidos e valorizados (SCHÄFER, 2009). O potencial patrimonial, educacional e turístico associado à geodiversidade e à diversidade cultural desses territórios relacionados às águas também é ainda pouco reconhecido fora do âmbito acadêmico-científico.

Quanto aos planos de gerenciamento das bacias hidrográficas, documento prioritário na gestão das águas brasileiras, ainda não foram finalizados em duas das três bacias mencionadas (SEMA, 2018a). Na Bacia Hidrográfica do Rio Camaquã, o documento indica o turismo e o lazer entre as atividades prioritárias no compartilhamento do uso das águas, em especial relacionadas à orla da Laguna dos Patos, reconhecendo a importância da manutenção da qualidade hídrica para as atividades balneárias, esportivas e recreativas (SEMA, 2016). Entretanto, os entrevistados apontam que as más condições de balneabilidade das águas é um dos principais entraves ao desenvolvimento do turismo e do lazer nessas localidades. O lançamento de efluentes domésticos, industriais e agrícolas, a insuficiência do sistema de saneamento, a falta de integração entre as políticas ambientais e turísticas, e a ineficiência da gestão das águas, em especial no que concerne à Laguna dos Patos, cujos tributários estão divididos em diversas bacias hidrográficas, convergem para a deterioração da qualidade das águas e ecossistemas associados (UEDA, VIGO, 1997; PEREIRA; NIENCHESKI; BAUMGARTEN, 2005; RUAS, 2012).

Um fator de diferenciação entre os casos é que a preocupação precoce com a qualidade das águas e a construção de um sistema de saneamento em Aiguebelette, garantem hoje as condições de balneabilidade para o desenvolvimento de práticas turístico-recreativas como o banho, conforme Gravari-Barbas e Jacquot (2016), e, ainda, para o abastecimento de água das populações. Já na Laguna dos Patos, Ruas (2012) destaca que a balneabilidade é pauta antiga de reivindicações sociais, pelo menos desde 1948 na Praia do Laranjal, em Pelotas, restringindo ainda hoje a prática do banho. Apesar da recente conclusão de obras de saneamento, ainda é uma questão insolúvel, pois depende da ampliação do sistema municipal de saneamento e de um gerenciamento eficiente e integrado das bacias hidrográficas que compõe esse complexo sistema. Portanto, renovam-se os desafios relacionados aos valores patrimoniais das paisagens e sua relação com a qualidade de vida das populações.

Apesar disso, Ruas (2012) observa que nas últimas décadas as políticas públicas têm privilegiado a valorização dos atributos estéticos das paisagens lacustres, em favor dos capitais privados e da especulação imobiliária, levando à perda do patrimônio ambiental diante da fragilidade dos ecossistemas costeiros, assim como a deterioração da qualidade de vida das populações. A emergência de projetos urbanísticos e imobiliários, principalmente em São Lourenço do Sul e Pelotas, é apontada pelos entrevistados como iniciativas públicas e privadas de transformação das paisagens lacustres, onde o apelo turístico tem sido tomado como mera justificativa para a expansão urbana ou a instalação de equipamentos, como loteamentos, condomínios fechados, hotéis, restaurantes, etc. Entram em jogo processos de supressão de áreas de juncos, aterramento de banhados e realocação de comunidades ribeirinhas, quando os valores econômicos das paisagens lacustres se sobrepõem aos valores patrimoniais. Conflitos emergentes decorrem desse novo olhar das sociedades para a função residencial e turístico-recreativa das paisagens de água, ampliando a pressão urbana sob os corpos hídricos.

As iniciativas de proteção do sítio natural em Aiguebelette desencadearam uma política pública de desenvolvimento do ecoturismo, a partir do ano de 2009, com foco nas práticas turístico-recreativas em contato com a natureza (JOBERT, 2017). A estratégia volta-se para a proteção e valorização dos aspectos paisagístico-patrimoniais do lago, como as áreas úmidas e os sítios palafíticos que remontam ao neolítico, contribuindo ao desenvolvimento local. Na CCLA, uma equipe técnica é responsável pela política e gestão do lago, atuando na criação, gestão e promoção dos espaços turísticos. Atualmente são geridas sete bases de lazer/turismo na orla, com praias monitoradas (gestão público-privada), campings e outros equipamentos, e uma base de remo (CCLA, 2017). A orla também abriga áreas residenciais privadas e outras destinadas à proteção dos ambientes úmidos. Portanto, o turismo é reconhecidamente uma das principais funções nessas paisagens lacustres. Mas essa relação traz o desafio de compatibilizar a proteção ambiental com essas práticas, principalmente nos períodos de maior afluência de visitantes.

Já na Laguna dos Patos prevalecem as funções agrícolas, pecuárias, industriais, portuárias, pesqueiras e de reflorestamento; mas principalmente a prática da irrigação da rizicultura em larga escala (MMA, 2006). A função turístico-recreativa não é prioridade nas paisagens lacustres sul-riograndenses, predominando essas outras atividades econômicas de grande impacto ambiental (RUDZEWICZ, 2018). As formas de ocupação das margens lacustres mostram-se bastante diferenciadas nos quatro municípios, abrigando desde áreas de proteção ambiental, praias, campings, praças/parques públicos, centros urbanos e comunidades rurais/de pescadores; até portos, atracadouros, indústrias, lavouras, pastagens, residências/fazendas/clubes privados, e, ainda, ocupações irregulares e áreas verdes, abandonadas ou negligenciadas pela esfera pública. Devido à grande extensão da orla e a forma de gestão dos espaços focada nos municípios, o contexto brasileiro estudado apresenta um mosaico muito mais complexo de formas de ocupação e usos das margens lacustres que o caso francês. O turismo/lazer nas margens da Laguna dos Patos é raramente estudado, apesar de representar áreas com maior potencial de conflitos quanto aos usos das águas (MMA, 2006).

A VALORIZAÇÃO DAS PAISAGENS LACUSTRES PELO TURISMO

A retomada das paisagens lacustres como elementos centrais nas estratégias de valorização turística dos territórios dos Alpes do Norte francês é revelada pela campanha “Os quatro

grandes lagos Savoie Mont Blanc” (SAVOIE MONT BLANC TOURISME, 2017). Iniciada em 2015, busca promover uma destinação turística única, pela integração dos lagos *Léman*, *Bourget*, *Annecy* e *Aiguebelette*, onde o imaginário lacustre é mobilizado para instigar à experiência turística. O intuito é criar uma gama de produtos turísticos multisazonais, sob o discurso de um novo estilo de férias às margens lacustres, capazes de diversificar o turismo regional (JOBERT, 2017). Essa estratégia prima também pela diferenciação entre os quatro lagos, exaltando suas especificidades e identidades territoriais. Em Aiguebelette (Figura 3), predominam as representações de um “lago natural”, “de natureza preservada”, que convida ao descanso, revigoramento, tranquilidade; mas também à “descobrir” os aspectos patrimoniais das paisagens, e a “praticar” inúmeras atividades esportivas, na água, no ar e na terra (PAYS..., 2017). Há uma intencionalidade na representação do lago como componente identitário dominante, reafirmada no discurso dos atores do turismo ao promover o território turístico *Pays du Lac d’Aiguebelette*, mesmo que esse inclua municipalidades que não apresentam margens lacustres.

Figura 3 – Imagens do Lago de Aiguebelette na campanha Quatro Lagos Savoie Mont Blanc, França



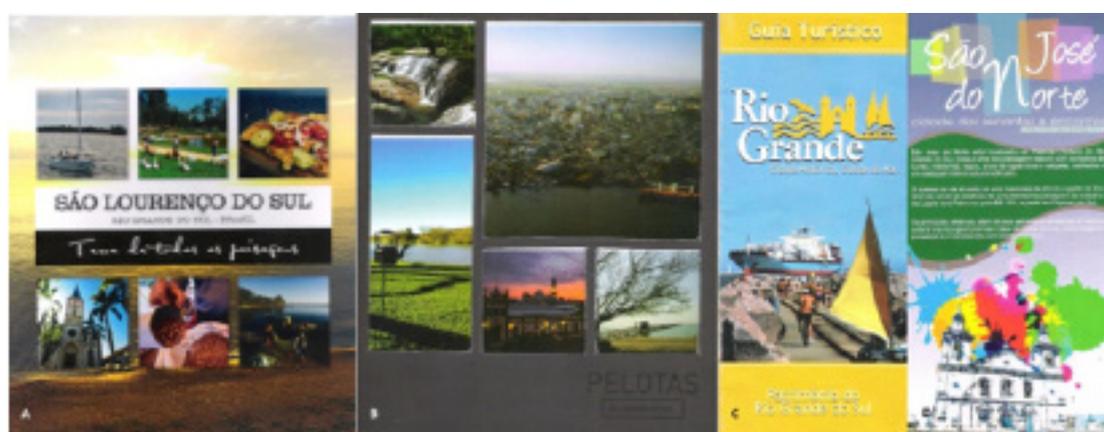
Esse processo de valorização das paisagens lacustres assume novos contornos na contemporaneidade ao orientar a ativação turística dos territórios a partir de múltiplas práticas, esportivas, ativas, em contato com a natureza. Em Aiguebelette, exalta-se essa diversidade de práticas turístico-recreativas, em especial as “suaves”, como ciclismo, caminhadas, remo, stand up paddle, parapente, arvorismo, pesca, cavalgada, assim como um serviço de navegação à motor elétrico (PAYS..., 2017). Isso denota uma renovação do olhar sobre os valores estéticos do “lago-cenário” ou “lago contemplativo”, que ainda são perenes; mas no século XXI, passa a agregar um imaginário de “lago ativo” (VERNEX, MARTIN, 2009), “lago-multisazonal” e “lago-recurso eco-geoturístico” (JOBERT, 2017). O intuito é comunicar que esses lagos não estão mais restritos à estação de verão e às suas práticas balneárias, e, assim, impulsionar novas práticas sociais ao ar livre e novas formas de apropriação dos espaços para além da orla lacustre, apoiando-se nos aspectos patrimoniais e ecológicos das paisagens, através de sua conectividade com as áreas naturais protegidas e com os territórios adjacentes.

Mas, historicamente, o Lago de Aiguebelette consolidou-se como uma atração turística sazonal, de práticas balneárias e campings, recebendo um fluxo de visitantes de proximidade, tendo em vista o fácil acesso a partir de grandes centros urbanos. Verificou-se em campo a saturação das praias e dos estacionamento diante da superconcentração aos finais de semana e feriados, principalmente no verão. Muitos visitantes permanecem no local somente durante o dia (ex: caminhantes e ciclistas) ou com estadas prolongadas (ex: segundas residências e campings). Um cenário que expõe também suas problemáticas: na

contraposição de uma política de desenvolvimento do ecoturismo, como a gestão vai lidar com esse afluxo crescente de visitação? Quais estratégias serão tomadas para compatibilizar o turismo/lazer com a manutenção dos aspectos patrimoniais e ecológicos das paisagens lacustres? O enfrentamento da sazonalidade e a busca de alternativas à pressão do uso concentrado na orla e no verão, tem levado à proposição de novas práticas e representações do imaginário lacustre, com a pretensão de distribuir a demanda pelo território e prolongar a atividade turística durante o ano todo.

Na Laguna dos Patos, as paisagens lacustres ocupam um papel diferenciado em cada município estudado, aqui ilustrado pelos materiais turísticos analisados (Figura 4).

Figura 4 – Imagens dos materiais turísticos dos municípios de São Lourenço do Sul, Pelotas, Rio Grande e São José do Norte, Brasil



Nota: A – São Lourenço do Sul; B – Pelotas; C – Rio Grande; D – São José do Norte.
Fonte: Secretarias Municipais de Turismo, 2017.

Em São Lourenço do Sul - “Terra de todas as paisagens” (Figura 4A), verifica-se uma integração de elementos naturais e culturais que revelam questões identitárias fortemente relacionadas à Laguna dos Patos, representando uma oferta turística pautada nas práticas contemplativas e esportivas vinculadas à água, além da cultura e da gastronomia de pescados. Em Pelotas, a água aparece como elemento importante (Figura 4B), com imagens do Canal São Gonçalo e sua relação com a cidade, do Arroio Pelotas vinculado às Charqueadas, bem como a paisagem lacustre (trapiche da Praia do Laranjal) e as quedas d’água na zona rural. Entretanto, o município tem sua imagem turística forjada no patrimônio histórico-cultural, principalmente edificado (centro histórico, casarões, museus etc.), e no patrimônio imaterial da cultura doceira (RUDZEWICZ, 2018). Ruas (2012) também reconhece que os balneários não são tomados como elementos principais de atratividade turística em Pelotas, talvez pelo agravante da questão da balneabilidade. Em Rio Grande e São José do Norte as paisagens lacustres e os ecossistemas associados também são apresentados como elementos turísticos secundários. Em Rio Grande, identificada como “Cidade histórica, cidade do mar - patrimônio histórico do Rio Grande do Sul” (Figura 4C), predominam às referências ao balneário marítimo, à sua função portuária, e ao contexto histórico na zona urbana, com seus museus, prédios e monumentos. São José do Norte, referida como “Cidade dos recantos e encantos” (Figura 4D), evidencia principalmente o seu patrimônio edificado no centro histórico, a gastronomia de pescados e os balneários marítimos.

No âmbito da região turística, apesar da denominação Costa Doce (hoje composta por 20 municípios), as estratégias de promoção tratam de valorizar principalmente os elementos históricos, arquitetônicos e culturais nessa região, compondo uma oferta turística predominantemente urbana, onde a referência “tocada pela imensidão das águas lagunares e pela costa oceânica” demarca também um direcionamento ao turismo de sol e praia (SEDETUR, 2018), ainda assim, predominantemente voltado para os balneários marítimos. As paisagens lacustres e o potencial hídrico dessa região ainda permanecem invisibilizados (ou inviabilizados) no/do processo de ativação turística. A valorização da Laguna dos Patos e seus tributários como patrimônio paisagístico, como apontado por Ueda e Vigo (1997), requer que os significados e valores atribuídos a esses elementos sejam revelados, bem como o conhecimento das suas representações pelos grupos humanos que os vivenciam, conforme sugerem Bezerra e Melo (2014).

O Lago de Aiguebelette, em sua totalidade, tem sido valorizado como elemento que congrega as identidades territoriais, dando suporte ao seu posicionamento turístico, que aposta na integração dos aspectos patrimoniais e ecológicos com práticas recreativas diversificadas. A Laguna dos Patos, talvez por sua “imensidão de águas”, é apresentada turisticamente de forma seccionada, localizada, disforme e desconectada do seu complexo sistema hídrico.

De maneira análoga ao caso francês, nota-se uma ampliação das diversas práticas esportivas aquáticas (lanchas, jet-skis, barcos motorizados e à vela, kitesurfe, windsurfe, caiaque, *stand-up paddle*) e terrestres (buggies, jipes, quadriciclos, motos), também evidenciada pela instalação de novos clubes, escolas e lojas de equipamentos especializados nos últimos anos. Conflitos emergentes são narrados pelos entrevistados, retratando a precariedade na regulação, monitoramento e fiscalização dos usos e das formas de apropriação, das águas e das margens lacustres, gerando reivindicações quanto ao acesso à orla lacustre. Os entrevistados denunciam restrições e barreiras impostas por proprietários privados, revelando imprecisões legais e político-administrativas na gestão territorial e das águas, que acabam colocando em risco o patrimônio paisagístico e, por consequência, seu potencial turístico-recreativo.

Por fim, entende-se que a ampliação da esfera recreativa relacionada as paisagens lacustres vêm revelar novos desafios à gestão pública, no que se refere a apreensão dos significados e valores atribuídos ao patrimônio paisagístico de águas, a necessidade de concertação entre os diferentes atores, a garantia da democratização do acesso e do compartilhamento pelos diferentes segmentos da sociedade, na redefinição dos usos e formas de apropriação. Portanto, para que se possa tratar de valorização turística das paisagens lacustres no Rio Grande do Sul, as *margens* existentes entre planejamento territorial, gerenciamento das águas, gestão das áreas naturais protegidas e do turismo, precisam superar sua condição atual de *limitação*, para alcançar uma conotação de *integração* de esforços.

CONCLUSÃO

Ao tratar de compreender o papel que ocupam as paisagens lacustres nos processos de ativação turística, tem-se duas realidades que, por ora, apresentam complementaridades, no que se refere à natureza das práticas e dos locais turísticos. Apesar dos contextos socioespaciais distintos, no encontro com as águas, as práticas dos indivíduos ainda são predominantemente do turismo de sol e praia, de contemplação, descanso e lazer na orla; e, assim, os atributos estéticos associados à essas paisagens permanecem perenes na

representação turística. Mas são as práticas esportivas, ativas, dinâmicas, que ganham cada vez mais destaque, evidenciando novos usos, significados e valores atribuídos às paisagens de lagos, lagunas e outros corpos hídricos. Convergem nesse sentido a busca por alternativas à problemática da sazonalidade no turismo. Por outro lado, encontram-se em situações diferentes quanto ao reconhecimento político e social da função turístico-recreativa das paisagens lacustres.

A orla lacustre mostra-se locus de objetivação dos conflitos entre as diversas modalidades de uso turístico-recreativo e desses, com as demais funções da paisagem. Essa intersecção entre a terra e a água torna-se espaço cada vez mais cobiçado pelas sociedades atuais, onde coabitam os diferentes públicos e suas práticas, compartilhando ou colidindo com seus interesses, sociabilidades e espacialidades diversas, fazendo surgir reivindicações e problemáticas acerca das novas formas de apropriação e usos. Por isso a orla lacustre e sua ativação turística, não se explicam isoladamente; elas são parte de um todo no processo de (re)produção social do espaço geográfico.

O estudo tem suas limitações na tentativa de comparar contextos geográficos distintos, seja pela constituição física das paisagens lacustres, como pelos seus processos socioespaciais. Entretanto, possibilitou refletir acerca dos movimentos contemporâneos do turismo, nessa interação entre os temas paisagem, patrimônio e água, e suas dinâmicas multidimensionais e multiescalares.

Cabe ainda indicar a continuidade do processo investigativo, percorrendo a trama dos significados e valores patrimoniais das paisagens lacustres, tratando de compreender as práticas e identidades, do passado e do presente, e assim, seguir revelando os desafios à gestão dos espaços de lagos e lagunas. Este estudo não pretende esgotar as possibilidades de reflexões sobre a problemática proposta, e nem encerrá-la em contextos geográficos específicos. Mas diante do interesse crescente das sociedades pelas paisagens de água, apontar para a relevância da investigação sobre a esfera recreativa nos processos de (re) composição contemporânea entre natureza e cultura, e, com isso, tratar de compreender a renovação das práticas sociais, das imagens e dos imaginários lacustres pelo turismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERQUE, A. *El pensamiento paisajero*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2009.
- BEZERRA, O. G.; MELO, V. L. M. de O. Valores da paisagem: os significados dos rios e manguezais da cidade do Recife. *Paisagem Ambiente: ensaios*, São Paulo, n. 34, p. 93-106, 2014.
- CASTRIOTA, L. B. Paisagem cultural e patrimônio: desafios e perspectivas. In: 1º COLÓQUIO IBERO-AMERICANO PAISAGEM CULTURAL, PATRIMÔNIO E PROJETO, 2017, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: IEDS, 2017. p. 17-27.
- CCLA. COMMUNAUTE DE COMMUNES DU LAC D'AIGUEBELETTE. Disponível em: <<http://www.ccla.fr/>>. Acesso em: 07 set. 2017.
- CCLA. *Projet de Territoire de la Communauté de Communes du Lac d'Aiguebelette*. Nances, Chambéry: CCLA, AGATE, 2019. 23 p.
- FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GRAVARI-BARBAS, M.; JACQUOT, S. Les espaces fluviaux des métropoles européennes. Perspectives de (re)conquête à des fins récréatives. *Espaces*, n° 333, p. 20 – 25, nov./dec. 2016.
- IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Cidades e Estados*. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 21 mar. 2018.
- ICMBIO. INSTITUTO CHICO MENDES. *Unidades de Conservação*. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/portal/unidadesdeconservacao/biomas-brasileiros>>. Acesso em: 02 fev. 2018.
- JOBERT, C. *L'image touristique des lacs d'Aiguebelette et du Bourget: approche géo-historique*. 2017. 72 f. Mémoire (Master 1: Géographies et Montagnes), EDYTEM, Université Savoie Mont Blanc, Chambéry, 2017.
- LASLAZ, L.; GAUCHON, C.; PASQUET, O. *Atlas Savoie Mont-Blanc: au carrefour des Alpes, des territoires attractifs*. Paris: Ed. Autrement, 2015.
- MMA. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. *Caderno da região hidrográfica Atlântico Sul*. Brasília: MMA, Secretaria de Recursos Hídricos, 2006.
- MONTUELLE, B.; CLÉMENS, A. (Dir.) *Le tour des grands lacs alpins naturels en 80 questions*. Lyon, Graie: OLA, Zone Atelier Bassin du Rhône, 2015.
- NIKOLLI, A. Les rives lacustres comme espaces publics: essai de cartographie. L'exemple du lac d'Annecy. *Mappemonde*, n. 123, p. 1 – 21, 02/2018.
- NOGUÉ, J.; PUIGBERT, L.; BRETCHA, G. (eds.). *Paisatge, patrimoni i aigua: La memòria del territori*. Olot, Barcelona: Observatori del Paisatge de Catalunya, ATLL, 2016.

NOGUÉ, J.; PUIGBERT, L.; BRETCHA, G. (eds.). ; SALA, P.; GRAU, J. *The landscape catalogues of Catalonia, Methodology*. Olot, Barcelona: Landscape Observatory of Catalonia, ATLL, 2016.

PAYS DU LAC D'AIGUEBELETTE. Disponível em: <<https://www.pays-lac-aiguebelette.com>>. Acesso em: 10 set. 2017.

PEREIRA, R. S.; NIENCHESKI, L. F. H.; BAUMGARTEN, M. G. Z. Condição ambiental da Lagoa dos Patos. In: ÁGUASUL - Simpósio de Recursos Hídricos do Sul, Simpósio de Águas da Associação de Universidades Grupo de Montevideo (AUGM), 1., 2005, Santa Maria. *Anais...* Porto Alegre: ABRH - RS/SC, AUGM, 2005. p. 1-19.

RUAS, K. S. *A Orla Lagunar de Pelotas-RS: Conflitos Socioambientais, Atores e Processos*. 2012. 186 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

RUDZEWICZ, L. *Paisagens lacustres e práticas turísticas: “com os pés na água” ou “de costas para a água”?* O caso da Laguna dos Patos, Rio Grande do Sul, Brasil. 2018. 294 f. Tese (Doutorado em Geografia), Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

RUDZEWICZ, L.; BAULAZ, Y.; PEYRACHE-GADEAU, V. Le paysage lacustre par le prisme du tourisme : le cas du lac d'Aiguebelette (Alpes-France). *Mondes du Tourisme*, 2020. (artigo aguardando publicação, aceite recebido em abril 2020).

SACAREAU, I. ; STOCK, M. Qu'est-ce que le tourisme? In: STOCK, M. (coord.). *Le Tourisme: acteurs, lieux et enjeux*. Paris: Belin, 2003. p. 7- 32.

SAVOIE MONT BLANC TOURISME. *Les quatre grands lacs de Savoie Mont Blanc*. Disponível em: <<https://www.savoie-mont-blanc.com/Decouvrir/Les-quatre-grands-lacs-de-Savoie-Mont-Blanc>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

SCAZZOSI, L. “Valorar” los paisajes. In: MATA, R.; TARROJA, A. (Coord.). *El paisaje y la gestión del territorio: critérios paisajísticos em la ordenación del territorio y el urbanismo*. Barcelona: Diputación de Barcelona, 2006. p. 267-301.

SCHÄFER, A. E. A planície costeira do Rio Grande do Sul: um sistema ecológico costeiro único no mundo. In: SCHÄFER, A. E.; LANZER, R. M.; PEREIRA, R. (Org.) *Atlas socioambiental: municípios de Mostardas, Tavares, São José do Norte e Santa Vitória do Palmar*. Caxias do Sul: EDUCS, 2009. p. 46-55.

SEDETUR. SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E TURISMO DO RIO GRANDE DO SUL. *Região Turística Costa Doce*. Disponível em: <<https://www.turismo.rs.gov.br/regiao/43/regiao-costa-doce#sobre>>. Acesso em 12 jul. 2018.

SEMA. SECRETARIA DO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO RIO GRANDE DO SUL. *Bacias hidrográficas do Rio Grande do Sul*. Disponível em: <<http://www.sema.rs.gov.br/bacias-hidrograficas>>. Acesso em: 27 mar. 2018a.

SEMA. SECRETARIA DO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO RIO GRANDE DO SUL. *Unidades de Conservação*. Disponível em: <<http://www.sema.rs.gov.br/unidades-de-conservacao-2016-10>>. Acesso em: 16 mar. 2018b.

SEMA. SECRETARIA DO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO RIO GRANDE DO SUL. *Plano da Bacia hidrográfica do Rio Camaquã 2015-2035*. Porto Alegre: Sema, Fepam, Gama Engenharia de Recursos Hídricos, 2016. 35 p.

TOLDO JÚNIOR, E. E.; et. al. Sedimentação de longo e curto período na Lagoa dos Patos, sul do Brasil. *Pesquisas em Geociências*, Porto Alegre, 33 (2), p. 79-86, 2006.

UEDA, V.; VIGO, M. A. Recuperação do ambiente natural e urbano da Lagoa dos Patos em benefício do desenvolvimento da atividade turística em Pelotas/RS. In: RODRIGUES, A. B. (Org.). *Turismo e ambiente: reflexões e propostas*. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 98-107.

USTÁRROZ, C. P.; MÜLLER, D. Descoberta da Praia do Laranjal – Pelotas/RS: a utilização do espaço de lazer antes da inauguração oficial. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE TURISMO DO IGUAÇU, 2016, Foz do Iguaçu. *Anais...* Foz do Iguaçu: Festival das Cataratas, 2016. p. 1 – 7.

VERNEX J. C. *Histoire des bains: cent ans de baignades dans nos lacs*. Léman, Annecy, Bourget. Genève: Junod, 1996.

VERNEX J. C.; MARTIN, M. Vendre le lac: quelles images, quels imaginaires? L'exemple d'Annecy. In: LIABEUF, B.; MARIN, S.; BAZIN, Y. *Avec vue sur lac: regards sur les lacs alpins du XVIIIe siècle à nos jours*. France: Fage Éditions, Musée-Chateau, 2009, p. 92-97.